

## **Instrumentos da crítica: uma breve discussão sobre categorias d'O Capital de Marx**

### **Instruments of critique: a brief discussion of categories from Marx's Capital**

BRENO SERODIO DE CASTRO ROSSI<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio tem como objetivo apresentar e discutir alguns conceitos da economia política e filosofia marxista. Em resumo, este trabalho se divide em duas discussões. A primeira busca tratar do conceito de valor e suas formas, a partir de uma perspectiva do materialismo histórico-dialético. Para tanto, será abordada a relação entre trabalho concreto e trabalho abstrato, bem como a origem do dinheiro e o caráter fetichista da mercadoria. Já a segunda discussão reside na transformação do dinheiro em capital. A análise dessa transformação será guiada a partir da perspectiva do processo de trabalho e do processo de valorização, com destaque aos conceitos de capital constante, capital variável e mais valia (abarcando sua forma relativa e absoluta).

**Palavras-chave:** Karl Marx. Capital. Economia

**Abstract:** This essay aims to present and discuss some concepts of political economy and marxist philosophy. In summary, this work is divided into two discussions. The first seeks to deal with the concept of value and its forms, from a perspective of historical-dialectical materialism. To do so, the relationship between concrete work and abstract work will be addressed, as well as the origin of money and the fetish character of merchandise. The second discussion resides in the transformation of money into capital. The analysis of this transformation will be guided from the perspective of the work process and the valorization process, with emphasis on the concepts of constant capital, variable capital and surplus value (embracing its relative and absolute form).

**Keywords:** Karl Marx. Capital. Economy

## **Introdução**

O presente ensaio tem como objetivo apresentar e discutir alguns conceitos da Economia Política e Filosofia marxista. Em resumo, este trabalho se divide em duas discussões. A primeira busca tratar do conceito de valor e suas formas, a partir de uma perspectiva do materialismo histórico-dialético. Para tanto, será abordada

---

<sup>1</sup> Mestrando em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ) e Graduado em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social (IPPUR/UFRJ). Pesquisador vinculado ao INCT Observatório das Metrópoles, Núcleo Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ). É membro do projeto de pesquisa "Revitalizando a revitalização do centro: Construindo a economia política da nova rodada de reestruturação urbana carioca" e do grupo de pesquisa "Dependência e Políticas nas Cidades", ambos coordenados pelo Prof. Dr. Erick Omena. Foi monitor da disciplina Formação Econômica e Social do Brasil e bolsista de Iniciação Científica FAPERJ. E-mail: brenoserodio@gmail.com

a relação entre trabalho concreto e trabalho abstrato, bem como a origem do dinheiro e o caráter fetichista da mercadoria. Já a segunda discussão reside na transformação do dinheiro em capital. A análise dessa transformação será guiada a partir da perspectiva do processo de trabalho e do processo de valorização, com destaque aos conceitos de capital constante, capital variável e mais valia (abarcando sua forma relativa e absoluta).

O trabalho se justifica, pois, esses conceitos e categorias são imperiosos para a leitura da Economia Política de perspectiva marxista, como também para sua tradição filosófica (COGGIOLA, 2021; GRESPAN, 2021). Segundo Marx (2017, p.156) “o processo de produção domina os homens, e não os homens o processo de produção”. Portanto, para o entendimento das relações sociais, a reflexão a respeito do funcionamento estrutural da sociedade capitalista torna-se fundamental. Além disto, o presente ensaio objetiva contribuir para o auxílio de pesquisadoras e pesquisadores do campo das ciências humanas que realizam uma primeira aproximação da literatura marxista. De maneira inicial, as categorias que busco discutir neste material podem apresentar-se como etéreas e demasiadamente abstratas, dificultando seu entendimento. À vista disso, o ensaio procura em certa medida, amparar soluções de eventuais dúvidas de leitores pouco familiarizados com essas reflexões.

É importante assinalar que a principal referência para o presente ensaio se configura no Livro I d'O Capital (MARX, 2017) e mais precisamente do Capítulo I ao Capítulo VII (MARX, 2017, p. 113-304). Contudo, antes de adentrar propriamente no recorte conceitual do ensaio, entendo como incontornável a tentativa de assentar a metodologia utilizada pelo autor. Em Marx, Capital é uma dinâmica que só é possível ser efetivada no modo de produção capitalista e se estabelece através de uma relação dialética entre forças antagônicas. Para além disso, o capital é uma relação social que pressupõe valor em constante – ou eterno – movimento (HARVEY, 2015). A dialética propõe que o entendimento abstrato requer um nível imaginativo de interpelação, visto que o mais concreto apresenta uma maior complexidade em relação ao mais abstrato.

A trilha analítica do materialismo histórico dialético permite Marx (2017) ir além da aparência e analisar a essência desse modo de produção no Livro 1 d'O

Capital (GRESPLAN, 2021). Seu primeiro capítulo (MARX, 2017, p. 113) inaugura a exposição tratando da mercadoria, em razão dela ser a forma elementar da riqueza no capitalismo. A mercadoria é a síntese de múltiplas determinações, sendo a forma mais visível que os indivíduos entram em contato com o sistema d'O Capital e a compressão que os indivíduos dispõem dessa forma de contato é fetichizada. “A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer” (MARX, 2017, p.113).

Com esta brevíssima apresentação posta, podemos discutir os dois elementos componentes da mercadoria, que são as duas “espécies” de valor; o valor de uso e o valor de troca. Segundo Gresplan (2021), Marx defende que a utilidade de uma “coisa” faz dela valor de uso, ou seja, o valor de uso é definido materialmente por suas características intrínsecas. A diferença essencial entre essas duas formas de valor consiste na ideia de que o conteúdo material do valor é expresso no valor de uso, por outro lado a grandeza do valor é expressa no valor de troca. Em compensação, o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de uma determinada mercadoria mensura o valor da mercadoria, portanto, a mercadoria individual pode ser interpretada como um “exemplar médio de sua espécie” (MARX, 2017, p.117).

Em resumo, o valor de uso sob a lógica capitalista é veículo do valor de troca e esse valor de troca se revela por meio da relação de grandeza de diferentes valores de uso. O valor de uso apresenta um caráter qualitativo e o valor de troca apresenta um caráter quantitativo (COGGIOLA, 2021). Desta forma, pode-se intuir que tanto o valor de uso como o valor de troca são formas aparentes e por isso existe uma contradição inerente entre valor de uso e valor de troca. O valor tem como substância o trabalho e mais precisamente o trabalho abstrato e por conta disso, deve ser discutido o duplo caráter do trabalho materializado nas mercadorias. Uma das grandes confusões interpretativas em aproximações iniciais é a atribuição de um duplo valor para a forma-mercadoria – e não para o trabalho. A mercadoria é valor de uso, possui valor de troca e valor. O valor de troca é a expressão do valor da mercadoria que se apresenta na relação de troca. De outro modo, o valor é determinado pelo trabalho que é a substância do valor. A grandeza do valor é

expressa por meio do tempo de trabalho necessário à produção da mercadoria nas condições sociais médias de cada sociedade. Além disso, vale sublinhar novamente que substância difere de grandeza e há uma relação contraditória entre essas categorias. Essa dialética, na perspectiva marxista, engendra a compreensão de valor de troca como elemento diferente do preço (COGGIOLA, 2021).

Com isto posto, podemos avançar ao duplo caráter do trabalho. Essa duplicidade se constitui da seguinte forma: (a) quando o trabalho representado na mercadoria se expressa como valor, instituindo trabalho abstrato; (b) e quando o trabalho representado na mercadoria atua como gerador de valor de uso, constituindo trabalho concreto. Em suma, o trabalho concreto é aquele cujo um indivíduo específico executa para criar um valor de uso, isto é; uma mercadoria. No entanto, na medida em que esta determinada mercadoria se relaciona com outras mercadorias (que englobam outros trabalhos concretos), essa mercadoria referencial também revela uma representação enquanto trabalho abstrato, ou melhor; generalizado e/ou social. Logo, esse trabalho abstrato é uma forma pura e simples do trabalho humano e ignora as especificidades e particularidades do dispêndio do trabalho de cada indivíduo. Essa abstração carrega consigo uma contradição que maquina o processo de fetichização da mercadoria junto com outros fatores que serão abordados posteriormente. As mercadorias são simultaneamente objetos úteis (valor de uso) e suportes de valor (valor de troca). Assim, sua existência é condicionada a forma natural e a forma valor.

Agora devemos discutir acerca das formas de valor para que possamos chegar na origem do dinheiro. Primeiro, (A) a forma simples do valor de troca é a forma mais imediata do processo da troca, sem sistematização. Ocorre quando é trocado X (quantidade) da mercadoria A (qualidade) por Y (quantidade) da mercadoria B (qualidade). Essa pequena expressão também pode ser lida da seguinte forma: X da mercadoria A vale Y da mercadoria B. Elaborando um exemplo mais palpável, podemos analisar que 2kg de trigo valem 1 sapato, e nesse caso os 2kg de trigo expressam a forma relativa, já a unidade de sapato é a forma equivalente. Ou seja, 1 sapato equivale a 2kg de trigo e seguindo essa lógica, 2 sapatos equivalem a 4kg de trigo. Por consequência, nessa dinâmica o trigo é a forma ativa e o sapato é a forma passiva (um espelho, uma representação). O sapato aparece apenas como

“medidor” da quantidade de grandeza e assim, a imagem se configura no trigo e a expressão dessa imagem (reflexo) no sapato. Vale salientar que essa dinâmica de troca também pressupõe que 2kg de trigo possuem a mesma quantidade de tempo de trabalho que possui uma unidade de sapato.

Outra forma de valor é a (B) forma total ou desdobrada que pode ser compreendida como a relação generalizada e sistemática de troca. Nesta mecânica existe uma forma equivalente que facilita a expansão da dinâmica de troca, ou seja, a forma que equivale a outras de valor relativo. Por exemplo: 1kg de trigo valem 1 sapato, 1 casaco, 2kg de café e 4kg de chá. O valor da mercadoria trigo nesse exemplo é expressado em outros elementos. Cada uma das outras mercadorias transfigura-se em espelhos do valor do trigo. Por isso, Marx (2017) não identifica valor de troca como igual ao preço, pois mesmo sem a existência de moeda, existe valor de troca. A forma do valor de troca revelada em uma determinada moeda (dinheiro) consiste, essencialmente, em sua forma mais desdobrada.

No entanto, a forma de valor total apresenta insuficiências decorrentes da não conclusão da série de representações da expressão de valor relativo das mercadorias. Se o possuidor da forma equivalente não necessitar (não atribuir necessidade ao valor de uso) da forma relativa, não há troca. Desta maneira, o surgimento de um equivalente geral constitui a (C) forma geral de valor. 1kg de trigo equivale a 1 sapato e 1 casaco e 2kg de café e 4kg de chá. Nesse exemplo, as formas-mercadorias iguais ao trigo denotam uma igualdade não somente qualitativa, mas como grandezas qualitativamente comparáveis e como valores de troca em geral. Outro ponto fundamental consiste no fato do dinheiro não ser o elemento determinante do valor de troca da mercadoria. Isso ocorre em razão do “aprimoramento” das relações de troca habitarem somente no hábito social, derivado da fundição do processo de troca geral “à forma natural específica da mercadoria ouro” (MARX, 2017, p.145).

Assim sendo, a (D) forma-dinheiro não se distingue da dinâmica em relação a forma geral de valor. Isto significa que o ouro e a prata se tornam aquilo que o trigo expressava na forma geral de valor. Na medida em que há uma disseminação do processo de troca, ocorre o surgimento do dinheiro como equivalente geral e a gênese do dinheiro decorre do processo de divisão social do trabalho juntamente

com o trabalho livre (o trabalhador não pode ser escravo ou servo), tendo em vista que estes são dois critérios históricos que permitem a generalização da forma-dinheiro.

A sociedade inserida no sistema de produção capitalista é dominada pela forma-mercadoria em seu bojo. No encerramento do primeiro capítulo, Marx (2017, p.146) trata do caráter fetichista da mercadoria e seu segredo, indicando que nesta seção se revela o conjunto do argumento desenvolvido ao longo do Capítulo I. Aparentemente, com a sistematização da forma-mercadoria durante o Capítulo “A mercadoria”, nada parece misterioso. No entanto, a essência é dessemelhante à aparência. O caráter misterioso da mercadoria reside na assunção de uma força estranha por parte dela, engendrando uma fantástica inversão. Essa força se origina da alienação, nascida com base na construção da sociabilidade humana, e nesse caso, uma sociabilidade calcada na ordem das mercadorias. A materialização desse fetiche pode ser elucidada na não percepção de que o dinheiro, por também ser mercadoria, possui valor.

Todavia, a produção desse valor é concebida a partir do trabalho humano. Para que esse estranhamento se consolide, os produtores precisam se isolar entre si, como produtores privados de diferentes mercadorias. Nessa dinâmica, o produtor toma distância dos objetos que produz e esses se relacionam com outros objetos, excluindo a relação entre produtores do círculo. A mercadoria que se relaciona com outra mercadoria e não seus produtores. Nesse sentido, o fetichismo na perspectiva marxista constitui a atribuição de propriedades encantadas à objetos.

Avançando para a segunda discussão central do presente ensaio, chega-se na dinâmica de circulação de mercadorias. A escolha por essa indispensável discussão se justifica na medida em que para Marx (2017) este é o ponto de partida do capital e a formação do comércio torna-se pressuposto histórico para o surgimento do sistema capitalista, uma vez que na abstração do conteúdo da circulação de mercadorias encontra-se o dinheiro. Dito isso, o autor compreende o circuito de circulação simples como o ato de vender uma mercadoria para comprar outra. Essa circulação representa o processo de consumo, em que um indivíduo vende uma mercadoria (M), a partir do intermédio do dinheiro (D) e compra outra mercadoria

(M). Uma característica da circulação simples é que a mercadoria (M) é o ponto final e na chegada ao segundo M se esgotam as relações de trocas, ou seja; vender para comprar. A fórmula imediata desse cenário é: M-D-M, sendo o primeiro M e o segundo M qualitativamente distintos.

Ao partirmos para a análise das interações dessa fórmula, notamos que M-D constitui a venda e D-M a compra. No entanto, a circulação simples suspende a circulação contínua do dinheiro e sua manutenção pode estimular o nascimento de outros circuitos. Do circuito M-D-M, pode nascer o circuito D-M-D. Em outras palavras, a repetição contínua do circuito de circulação simples de mercadoria (M-D-M) nos possibilita enxergar o nascedouro de outro circuito (D-M-D) e essa dinâmica engendra a fórmula geral do capital. Uma das grandes diferenças da fórmula geral do capital para a circulação simples de mercadorias é que a primeira tem como ponto de partida e chegada o dinheiro e não a mercadoria. O pressuposto geral do capital não é o próprio consumo, mas sim um novo processo de produção de mercadorias para venda, portanto, visa sempre o valor. O dinheiro para ser transformado em capital precisa estar em constante movimentação e passar por um processo de metamorfose, já que é um valor originalmente adiantado em busca de valorização. Essa dinâmica é expressa em: D-M-D', uma vez que D e D' são quantitativamente diferentes, pois, D' é o dinheiro inicialmente adiantado somado a um valor de dinheiro extra. Em outros termos;  $D' = D + \blacktriangle D$  ( $\blacktriangle D = \text{mais-valia}$ ).

Sob a égide do processo de metamorfose do dinheiro em capital, cabe o aprofundamento acerca do ponto de vista do processo de trabalho e do processo de valorização. Nesse sentido, a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho, pois ela é a única “mercadoria” capaz de criar valor excedente, tendo em vista que valor “base” é correspondente ao trabalho necessário para reproduzir a própria força de trabalho. A criação desse valor é realizada no ato de consumo da força de trabalho. O processo de trabalho é formado por elementos como os objetos de trabalho e os meios/instrumentos de trabalho. Esses elementos são expressos na junção de força de trabalho com os meios de produção. Nessa linha, devemos tratar dos elementos constituintes do processo de produção de mais-valia, para que assim possam ser demarcadas suas diferenças em relação ao processo de trabalho. Esses

elementos são constituídos pela criação de valor (valor de uso que possui valor de troca) e pelo processo de valorização, ou criação de mais-valia (mercadoria com valor superior ao valor das mercadorias utilizadas na sua produção).

Com isto posto, podemos intuir que o processo de produção capitalista é por um lado, processo de trabalho onde o trabalho concreto gera valor de uso e, por outro lado, processo de valorização, pois engendra um processo de criação de valor que vai além da reprodução da força de trabalho e cria mais-valia (onde o que vale é o trabalho abstrato). Durante a jornada de trabalho capitalista ocorre criação de valor por meio do dispêndio de força de trabalho e essa criação reproduz o valor da força de trabalho. Contudo, a jornada vai além deste ponto e assim, o processo de criação de valor converte-se em valorização. Nesse cenário, o processo de valorização pode ser representado pela seguinte fórmula: [D-M...P...M'-D'], onde "...P..." se refere ao processo de produção. Pode ser notado que o processo de trabalho no capitalismo é caracterizado pelo controle do capitalista sobre a força de trabalho, bem como o processo de valorização se configura na criação de valor que excede o ponto produzido pela força de trabalho, de maneira a converter-se em mais-valia.

Na esteira do exposto, devemos diferenciar os conceitos de capital constante e capital variável. Retomando ao conceito de capital, entendemos que se trata de uma relação de produção definida e pertencente a uma formação econômica e social particular na história, o capitalismo. Nesse contexto, o valor da mercadoria se forma por meio de três processos: transferência de valor dos meios de produção, criação de valor da força de trabalho e criação de mais-valia. O valor dos meios de produção se forma por meio de sua transferência direcionada ao valor da nova mercadoria, por isso os meios de produção são referenciados como capital constante.

O capital constante não cria valor, ele apenas transfere seu valor e se desgasta enquanto valor de uso, transformando-se em novo valor de uso. Diferentemente, a força de trabalho ao produzir valores de uso, cria valor novo e transfere o valor dos meios de produção ao valor do novo produto. Este valor que é criado se divide em valor de força de trabalho (f) e mais-valia (m). Por essa razão, o valor da força de trabalho é denominado como capital variável. Logo, o novo valor da mercadoria

pode ser descrito pela seguinte fórmula:  $V = c + v + m$ , onde  $V$  é o valor da mercadoria;  $c$  é o capital constante;  $v$  é o capital variável e  $m$  é a mais-valia. Resumindo, o capital constante não cria valor e reside nos objetos e meios de produção. Já o capital variável, isto é, força de trabalho, cria valor.

Por conseguinte, a mais-valia deve ser analisada enquanto categoria central desse ensaio. Esse processo nada mais é que o valor criado no período da jornada em que o trabalhador produz excedente. Depois do trabalhador concluir o período da jornada referente ao tempo de trabalho necessário, ele adentra no tempo de trabalho excedente em que se produz valor além do tempo de trabalho necessário. A taxa de mais-valia mede o grau de exploração do trabalhador, ou melhor dizendo, mede o grau que a força de trabalho produz gratuitamente para o capitalista proprietário dos meios de produção. A mais-valia em sua essência é trabalho não pago. A equação que representa essa taxa é  $m/v$ . Aqui, é necessário chamar atenção para a diferença entre taxa de lucro e taxa de mais-valia. Enquanto a taxa de mais-valia é  $m/v$ , a taxa de lucro mede o grau de expansão do capital total e se expressa na fórmula  $m/c + v$ .

Depois de perpassarmos pela taxa de mais-valia, podemos abordar seus dois tipos propostos por Marx (2013); a mais-valia relativa e a absoluta. A taxa de mais-valia pode se modalizar a partir de variações no tempo da jornada de trabalho e do valor pago à força de trabalho em comparação ao que é produzido. Assim sendo, quando a exploração ocorre por meio do prolongamento da jornada de trabalho para além do limite que o trabalhador produz apenas o equivalente ao valor de sua força de trabalho (aumento da quantidade de horas de trabalho não pagas pelo capitalista), a mais-valia absoluta é estabelecida. Portanto, a mais-valia absoluta é ocorre simplesmente pelo aumento do tempo excedente do dispêndio de força de trabalho. Nessas condições, o tempo de trabalho necessário não se altera. Todavia, Marx (2013) destacou a existência de limites insuperáveis na exploração desse tipo mais-valia.

Para contornar tal situação (carregando contradições e elevando suas complexidades), recorreu-se à outra forma de exploração. Logo, é preciso salientar que a mais-valia relativa só pode ser efetivada com a existência da absoluta, pois se não houvesse mais-valia absoluta, a mais-valia relativa não poderia existir. Na

exploração pela mais-valia relativa entram em cena os métodos e técnicas de otimização da produção, de forma a aumentar a produtividade do trabalhador sem que ocorra o aumento da jornada de trabalho. Na prática, a mais-valia relativa se interliga inevitavelmente ao desenvolvimento do capitalismo enquanto modo de produção, tendo em vista que a taxa de mais-valia relativa não pode ser efetuada por um capitalista individual, mas sim pela classe capitalista como um todo. Ou seja, o aumento da mais-valia não decorre diretamente do tempo excedente dispendido pelo trabalhador, mas de um aumento de produtividade. Nesse contexto, o aumento de produtividade faz com que o trabalhador produza mais mercadorias na mesma quantidade de tempo. Portanto, em razão da pressão ocasionada pela concorrência dos capitalistas individuais, é engendrada uma tendência interna no seio do sistema produtivo pelo desenvolvimento das forças produtivas a fim de viabilizar a exploração via mais-valia relativa.

### Referências

- COGGIOLA, O. *Teoria econômica marxista: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GRESPLAN, J. “Marx, crítico da teoria clássica do valor”. In: *Crítica Marxista*, v. 1, n. 12, p. 59-76, 2001.
- GRESPLAN, J. *Marx: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- HARVEY, D. *Os limites do capital*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MARX, K. *O Capital: Crítica da economia política*. Livro 1: O processo de produção do capital. Boitempo, 2017.

Submissão: 14. 01. 2023 / Aceite: 20. 02. 2023